

O BRINCAR DA CRIANÇA COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR¹

Andrea Ruzzi-Pereira Professora Assistente do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - Uberaba – MG. Mestre e doutoranda do PPG-Saúde na Comunidade do Departamento de Medicina Social da FMRP-USP.

Marina Ferreira Aleixo de Paula Terapeuta ocupacional da Fundação ABC, CAPS Alvarenga, São Bernardo do Campo - SP. Especialista em Terapia Ocupacional Hospitalar pela FMRP-USP.

Paulo Estevão Pereira Professor do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - Uberaba – MG. Mestre em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos.

RESUMO

O desenvolvimento infantil é influenciado por vários fatores que podem influenciar as diversas áreas de ocupação. A aprendizagem, compreendida na área de ocupação educação de acordo com a Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional: domínios e processos, quando se apresenta com alguma dificuldade pode influenciar negativamente o desenvolvimento da criança. Este estudo teve como objetivo analisar o brincar da criança com dificuldade de aprendizagem no contexto escolar. Pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados durante o brincar da criança, em uma escola estadual de ensino fundamental do interior de Minas Gerais, utilizando o Teste de Entretenimento Adaptado. A amostra constituiu-se de cinco crianças de oito a dez anos que apresentavam dificuldade de aprendizagem. A análise de dados foi realizada pelo método de análise categorial de Flick, agrupadas em 15 categorias e subdivididos em outras três categorias propostas pelo teste: motivação intrínseca, controle interno e liberdade de suspender a realidade. Por meio da observação do brincar puderam ser observadas algumas dificuldades apresentadas pelas crianças. Conclui-se que a dificuldade de aprendizagem influencia negativamente o desenvolvimento infantil; que há necessidade de profissionais da área da saúde e educação, capacitados para avaliação e estimulação do brincar da criança, serem inseridos no contexto escolar, pois é de fundamental importância que o desenvolvimento global seja estimulado.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Aprendizagem; Recreação; Terapia ocupacional.

PLAYING THE CHILD WITH LEARNING DIFFICULTY IN THE SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT

The child development is influenced by many factors, that can influence many areas of occupation. The learning which is inserted in the occupation education, according to the Structure of The Practice of Occupational Therapy: Domain and Process, when presented with some difficulty can negatively influence the development of the child. This study aimed to analyze the play of a child with learning difficulty. An exploratory research was developed with a qualitative approach in which data were collected adapted entertainment test during the play of the child in the school context grouped into 15 categories and subdivided into three categories proposed by the other test: intrinsic motivation, internal control and freedom to suspend the reality. The sample consisted of subjects who present learning difficulties, with ages ranging from 8 to 10 years old, and studying in a elementary school of Minas Gerais. The data were analyzed by the Flick's categorial analysis method. Through the play, some gaps and or difficulties could be observed in the children, what is not expected according the development phases they are. It is concluded that the difficulty of learning will negatively influence the play.

¹ Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Núcleo de Estudo e Pesquisa em Saúde Mental, Álcool e outras Drogas (NEPSMAD) – aprovado pelo Comitê de Ética da UFTM de acordo com o parecer nº 1763/2010.

There is a necessity from the health and or educational professionals who are inserted in the school context to be able to assess and stimulate the child's play, something that is crucial for their global development.

Keywords: Child Development; Learning; Recreation; Occupational therapy.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento físico e mental do ser humano é extremamente complexo, sendo compreendido como um processo variável, dependente de uma interação entre a herança biológica de uma criança, o contexto comunitário e a sociedade, a cultura, o seu universo de cuidados, podendo todos estes aspectos contribuírem substancialmente e de forma interdependente para o seu resultado.⁽¹⁾

A interação com o ambiente é fundamental ao desenvolvimento infantil e a qualidade desta interação depende da capacidade da criança de inter-relacionar-se com ele,⁽²⁾ podendo afetar as diversas áreas de ocupação do desenvolvimento.

O terapeuta ocupacional tem em sua prática a atenção às diversas áreas de ocupação, sendo que estas incluem atividades que o indivíduo desenvolve ao longo de sua vida, as atividades de vida diária e as atividades instrumentais de vida diária, como a educação, o brincar, a participação social, o lazer, entre outras. Este profissional desenvolve sua intervenção baseado nas áreas de ocupação humana, avaliando as capacidades e as potencialidades do indivíduo, fornecendo subsídios para o melhor desempenho possível.^(3,4)

Algumas alterações no desenvolvimento da criança podem afetar a capacidade de aprendizagem. A aprendizagem compreendida dentro da área de ocupação educação, é um processo que ocorre no sistema nervoso central, produzindo mudanças que podem ou não ser permanentes, que são traduzidas por uma modificação funcional ou de conduta, que permite uma melhor adaptação do indivíduo ao meio, como resposta a uma ação ambiental.⁽⁵⁾

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 2002 o Brasil possuía uma população de mais de quarenta milhões de crianças e jovens estudantes frequentando o ensino fundamental. Destes cerca de vinte e cinco milhões estão cursando do 1º ao 5º ano e em sua maioria sendo atendidas pela rede escolar pública. O desempenho escolar destes alunos mostra que, em média, 40% ou mais têm apresentado dificuldades de aprendizagem. Entre esses alunos observam-se dois grupos, um de crianças que possuem o diagnóstico de transtorno de aprendizagem, outro de crianças que apresentam dificuldade na escola.⁽⁶⁾

Ainda segundo o INEP, atualmente cerca de 51,5 milhões de estudantes frequentam a educação básica. Nesse montante, estão incluídos também os alunos das modalidades de ensino técnico, educação especial e educação de jovens e adultos. Em Minas Gerais, esse contingente era de 2.569.054 em 2010, sendo que na cidade de Uberaba era de 32.850 estudantes no ensino fundamental. Ou seja, o ensino fundamental tem abrangido a cada ano um maior número de pessoas, beneficiando a população do país, mas com isso, pode-se estimar que só no município da pesquisa, cerca de 13 mil estudantes do ensino fundamental podem apresentar algum tipo de dificuldade na escola.⁽⁷⁾

A dificuldade de aprendizagem, observada em crianças que apresentam dificuldades acadêmicas, mas que não preenchem os critérios diagnósticos do transtorno de aprendizagem, depende de diferentes fatores: características da escola (físicas, pedagógicas, qualificação do professor), da família (nível de escolaridade dos pais, presença dos pais e interação dos pais na escola e com os deveres) e do próprio indivíduo, além de fatores socioeconômicos (baixo estímulo global para criança e no ambiente; falta de saneamento básico e condições para aprendizagem).⁽⁸⁾

A dificuldade de aprendizagem quase sempre se apresenta associada a outros comprometimentos. Estudos têm revelado que comumente as crianças com dificuldades escolares manifestam paralelamente prejuízos de ordem emocional, comportamental e habilidades sociais podendo também desenvolver sentimentos de baixa autoestima e inferioridade. A dificuldade de aprendizagem, quando persistente e associada a fatores de risco presentes no ambiente familiar e social mais amplo podem afetar negativamente o desenvolvimento do indivíduo e seu ajustamento em etapas subsequentes.^(9,10)

Ao iniciar as atividades escolares e o processo de alfabetização, a criança amplia seu campo de socialização, tendo maior oportunidade de interagir com outras crianças e aumentar as possibilidades de brincadeiras.^(11,12) O brincar é uma área de ocupação de extrema importância na vida da criança, sendo definido como “qualquer atividade espontânea e organizada que ofereça satisfação, entretenimento, diversão ou alegria”,⁽³⁾ importante para o desenvolvimento cognitivo, intelectual, emocional e social da criança. O brincar se caracteriza como um comportamento que possui um fim em si mesmo, que surge livre, sem noção de obrigatoriedade e exerce-se pelo simples prazer que a criança encontra ao colocá-lo em prática.⁽¹³⁾ A importância do brincar estaria mais no seu próprio processo (meio) do que em seus benefícios futuros (fins). É por meio do brincar que a criança expõe seus sentimentos, desenvolve a criatividade, o ato de liderar, e a aprendizagem, sendo essencial na sua vida e no

decorrer dela para uma maior valorização de sua formação.⁽¹⁴⁾ Desta forma, o brincar sendo uma oportunidade de experimentação é também um recurso para aprendizado, o que coopera para a competência na vida adulta.⁽¹⁴⁾

O ato de brincar vem conquistando mais espaço, tanto no âmbito familiar, quanto no educacional, escolar; no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil a brincadeira está colocada como um dos princípios fundamentais, defendida como um direito, uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação entre as crianças além de incentivar a interação entre os pares, a resolução construtiva de conflitos, a formação de um cidadão crítico e reflexivo.⁽¹⁵⁾

Diante do exposto, esta pesquisa teve por objetivo analisar o brincar da criança com dificuldade de aprendizagem no seu contexto escolar.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como exploratório, descritivo, de natureza qualitativa.⁽¹⁶⁾ A coleta dos dados ocorreu em uma escola de ensino fundamental do interior de Minas Gerais mediante a autorização da diretoria, durante cinco sextas-feiras consecutivas (fevereiro a março de 2011).

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados pela professora por meio de critérios estabelecidos pelas pesquisadoras, a saber: crianças que apresentavam dificuldade na leitura/ou interpretação de texto, escrita e dificuldade na distinção das letras. A amostra foi definida pelo critério de amostragem não probabilística de casos típicos,⁽¹⁷⁾ constituindo-se de cinco crianças do sexo feminino com idade entre oito e dez anos (média 8,6 anos), que estavam cursando o terceiro ano do ensino fundamental de uma mesma sala de uma escola estadual, que apresentavam dificuldade de aprendizagem, que aqui serão representadas pelas cinco vogais. Esta escolha se deu para a proteção da identidade das crianças e quantidade de participantes nesta pesquisa.

Os critérios de inclusão dos sujeitos para a pesquisa foram (a) ser indicado pela professora da terceira série (devido à faixa etária das crianças e por estarem todos frequentarem a mesma sala, recebendo as mesmas instruções educacionais); (b) ter entre 7 e 10 anos; (c) estar frequentando a escola; e (d) concordar em participar da pesquisa e ter autorização do responsável legal, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão desta pesquisa foram: (a) não responder aos

critérios de inclusão; (b) ter alguma doença crônica incapacitante; e (c) solicitar sua retirada da pesquisa.

Após a autorização dos responsáveis legais pelas crianças, com a assinatura do TCLE elas foram observadas durante as aulas de educação física, sendo analisado o brincar e os aspectos envolvidos neste. Na aula de educação física é promovido o brincar livre e criativo das crianças, tendo disponibilidade de objetos como corda, música e bola, e as crianças optam por alguma dessas ou podem usar sua criatividade para novas brincadeiras.

Os dados foram coletados por meio do Teste de Entretenimento – Adaptado (TdE-adaptado). O teste foi formulado com o objetivo de criar uma escala que pudesse ser usada por grupos de idade e diagnósticos distintos a fim de se avaliar a recreação livre da criança, composto por 24 itens,⁽¹⁸⁾ que foram observadas durante o brincar dos sujeitos da pesquisa.

A análise foi baseada nos procedimentos de categorização de Flick.⁽¹⁹⁾ As categorias foram estabelecidas de acordo com os elementos propostos no teste. Após serem agrupadas em 15 categorias estas foram reagrupadas nos três elementos também propostos pelo teste: motivação intrínseca, controle interno e liberdade de suspender a realidade.⁽¹⁸⁾

A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro com o parecer nº 1763/2010.

RESULTADOS

O brincar livre dos sujeitos foi observado, registrado, analisado e relacionado com a literatura sobre o desenvolvimento infantil. Após a transcrição dos dados, observou-se semelhança nos itens, obtendo-se quinze categorias, pautadas nos itens de observação do TdE – Adaptado,⁽¹⁸⁾ conforme ilustra a Quadro 1.

Quadro 1 - Categorias de análise, idade e desempenho das crianças durante as brincadeiras

Categorias de análise	Idade e desempenho das crianças				
	A (8 anos)	E (10 anos)	I (8 anos)	O (9 anos)	U (8 anos)
Envolvimento na atividade	A	A	A	C	A
Direcionado por si mesmo. A criança decide o que e como fazer.	A	A	A	A	A
Segurança durante a atividade.	A	B	A	B	A

Manifestação de alegria.	A	X	A	X	A
Superação de dificuldade, barreiras ou obstáculos para a permanência na atividade.	A	A	A	A	A
Capacidade de modificar ativamente a complexidade e/ou as demandas da atividade.	A	B	A	A	A
Envolve-se em travessuras ou comete uma pequena infração das regras explícitas ou implícitas durante a atividade.	A	A	B	A	A
Repete as ações, permanecendo no mesmo tema.	B	B	B	A	B
Envolve-se no aspecto do processo da atividade.	A	A	A	C	A
Usa o faz de conta.	A	A	A	B	A
Incorpora objetos ou outras pessoas na recreação em formas novas, imaginativas, criativas, pouco convencionais ou variáveis.	A	A	A	B	A
Envolve-se em desafios (motor, cognitivo ou social)	A	B	B	C	B
Negocia com os outros para que suas necessidades ou desejos sejam atendidos.	A	A	A	A	A
Brinca com os outros/ Brinca interativamente com os outros/ Inicia brincadeiras com os outros/	A	A	A	C	A
Procura ou faz piadas com os outros (verbais ou não verbais)/ Faz palhaçadas.	B	B	A	A	A

Fonte: Autoras

A: Desempenho esperado à fase do brincar em que se encontra

B: Apresenta algumas dificuldades, pouco significativas, relacionado à fase do brincar em que se encontram.

C: Apresenta dificuldades significativas relacionadas à fase do brincar em que se encontram.

No primeiro item “Envolvimento na atividade” foi observado que as crianças estiveram ativamente envolvidas no brincar, com exceção do sujeito O que apresentou maior independência em relação ao grupo brincando sozinho na maioria das vezes.

No item “Direcionado por si mesmo- A criança decide o que e como fazer”, as crianças realizam brincadeiras e atividades de acordo com o esperado ao seu estágio de desenvolvimento, principalmente o sujeito E e O, que encontram-se em uma fase do desenvolvimento onde o amadurecimento é mais representativo, principalmente no quesito independência em que as ações são direcionadas por si mesmo.

Na observação do item “Segurança durante a atividade”, os sujeitos E, O e U demonstraram segurança, mas não durante todo o período da atividade; já os sujeitos A e I, durante todo o período da atividade se demonstraram seguros.

Em relação à “manifestação de alegria”, o sujeito O manifestou ocasionalmente alegria durante as brincadeiras, que poderia ser devido à falta de interesse por estas, julgando a atividade com mais amadurecimento; ou pela dificuldade de demonstrar alegria independente de qual seja a brincadeira. O sujeito E, mesmo demonstrando amadurecimento, em outros itens, característico a sua fase de desenvolvimento, manifestou alegria durante as brincadeiras.

As crianças observadas durante as brincadeiras não apresentaram diferenças no item “superação de dificuldade, barreiras ou obstáculos para a permanência na atividade”. Em relação à “capacidade de modificar ativamente a complexidade e/ou as demandas da atividade”, o sujeito E demonstrou maior dificuldade, apresentando-se ligeiramente capaz de responder às demandas da atividade.

No item “envolve-se em travessuras ou comete uma pequena infração das regras explícitas ou implícitas durante a atividade”, as crianças que menos o fizeram foram aquelas que durante as brincadeiras se mostraram mais quietas, menos extrovertidas (A, E, O e U).

Quanto ao item “repete as ações, permanecendo no mesmo tema”, todos os sujeitos da pesquisa permaneceram quase todo o período da aula de educação física na mesma atividade, em um mesmo tema.

Em relação ao “envolvimento no aspecto do processo da atividade”, o sujeito O esteve ocasionalmente envolvido na atividade, sendo que os demais se apresentaram quase sempre ou grande parte do tempo envolvidos. Na fase do desenvolvimento em que estão, dos oito aos dez anos, a criança tem a capacidade de se envolver no processo da atividade, mostrando-nos que o sujeito O apresentando-se déficit no envolvimento do processo da atividade.

O “uso do faz de conta durante a atividade” ficou evidente apenas na brincadeira de O, que brincava sozinha, e utilizava objetos para brincar. Já em relação à “Incorporar objetos ou outras pessoas na atividade em formas novas, imaginativas, criativas, pouco convencionais ou variáveis”, a maioria dos sujeitos apresentou o comportamento de incorporar pessoas na recreação de formas novas, imaginativas, criativas em um tempo relativamente grande durante a atividade condizendo com sua fase do desenvolvimento em relação ao brincar e a socialização. Um dado interessante é que apenas o sujeito E o fez ocasionalmente, sendo este o mais velho dos sujeitos e que teria maior habilidade para tal.

No item “envolvem-se em desafios, motor, cognitivo ou social, durante a atividade”, os sujeitos da pesquisa, excetuando o sujeito A, tiveram um desempenho abaixo do esperado para idade. Os sujeitos E, I e U envolviam-se em desafios durante grande parte do tempo na atividade, mas quando as atividades que exigiam maior esforço motor, por exemplo, saíam da brincadeira ou a realizavam com ritmo diminuído. O sujeito O ocasionalmente apresentou tal comportamento.

Alguns itens foram de difícil análise devido ao contexto/situação em que foram observados, como por exemplo, o item “negociar com os outros para que suas necessidades ou desejos sejam atendidos”. Os sujeitos obtiveram pontuação parecida. Quatro sujeitos pareceram ser moderadamente capazes, sendo que apenas o sujeito A pareceu ser altamente capaz.

Nos itens de “brincar com os outros”, “brincar interativamente com os outros”, “ter iniciativa na brincadeira com as outras crianças” e “iniciar brincadeira com os outros”, os sujeitos da pesquisa apresentaram habilidade para isto, sendo que apenas o sujeito O demonstrou uma maior dificuldade para a interação com as outras crianças.

Quanto ao item “procura ou faz piadas com os outros (verbais ou não verbais)/ Faz palhaçadas”, os sujeitos E, I e U apresentaram-se em grande parte do tempo fazendo palhaçadas durante as brincadeiras; o sujeito A quase todo o momento e o sujeito O ocasionalmente. Esta mesma atitude pôde ser observada no item referente a procurar ou fazer piadas com os outros (verbais ou não verbais) durante as brincadeiras dos sujeitos.

Após a análise destas 15 categorias, realizou-se um agrupamento relacionado aos três elementos da recreação de acordo com o TdE-adaptado, tendo uma nova categorização: motivação intrínseca, controle interno e liberdade de suspender a realidade, conforme ilustra a Quadro 2.

A categoria “motivação intrínseca” refere-se a alguns aspectos (não nomeados) da própria atividade ao invés de relacionar-se a uma recompensa externa, que fornece o impacto para o envolvimento do indivíduo na atividade.⁽¹⁸⁾ Nessa categoria foram observadas pequenas dificuldades das crianças, sendo que apenas o sujeito O apresentou maiores defasagens nos aspectos envolvidos nesta categoria.

Na segunda categoria, “controle interno”, em que se sugere que o indivíduo é amplamente responsável por suas ações e por alguns aspectos do resultado da atividade,⁽¹⁸⁾ os sujeitos apresentaram algumas dificuldades em comum durante a brincadeira, com desempenho inferior do sujeito O.

Na terceira categoria, “liberdade de suspender a realidade”, em que o indivíduo escolhe a proximidade entre a realidade objetiva e a transação,⁽¹⁸⁾ os resultados entre os sujeitos foram ambíguos sendo observado, independente da idade as crianças, momentos de maturidade e outros de imaturidade nas brincadeiras.

Quadro 2 - Três elementos: Motivação Intrínseca, Controle Interno, Liberdade de Suspender a realidade

Motivação Intrínseca	Controle Interno	Liberdade de suspender a realidade
É ativamente envolvido.	Parece sentir-se seguro.	Usa o faz de conta.
Demonstra exuberância óbvia, manifesta alegria.	Modifica ativamente a complexidade e/ou as demandas de uma atividade.	Envolve-se em travessuras ou comete uma pequena infração das regras explícitas ou implícitas.
Repete ações, atividades: fica com o mesmo tema básico.	Negocia com os outros para que suas necessidades ou desejos sejam atendidos.	Procura ou faz piadas com os outros (verbais ou não verbais).
Envolve-se no aspecto do processo da atividade.	Brinca com os outros/ Brinca interativamente com os outros.	Faz palhaçadas.
Tenta superar as dificuldades, barreiras ou obstáculos para persistir em uma atividade.	Parece direcionado por si mesmo. Decide o que e como fazer.	Incorpora objetos ou outras pessoas na recreação em formas novas, imaginativas, criativas.
	Envolve-se em desafios.	
	Inicia brincadeira com os outros.	

Fonte: Autoras.

DISCUSSÃO

De um modo geral, as crianças apresentaram o desenvolvimento das atividades no brincar de acordo com o que é esperado para a idade, nas diferentes facetas da atividade, conforme o que o TdE-adaptado propõe a observação, sendo a que se apresentou com algum prejuízo a interação social. Vale chamarmos a atenção para algumas dessas facetas.

É importante ressaltar que o brincar é uma oportunidade de desenvolvimento. Por meio dele a criança experimenta, inventa, descobre, aprende e confere habilidades. Desenvolve a inteligência sendo importante não somente para incentivar a imaginação nas crianças, mas também para auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas.⁽²⁰⁾

Em relação à maturidade no brincar, independente da idade, as crianças do estudo demonstram alguns momentos mais maduros e outros imaturos. Isso pode estar relacionada à atenção que as crianças mantêm na atividade, ou mesmo ao interesse, pois algumas vezes a atividade exige mais habilidades das crianças do que elas são capazes nesse momento, fazendo com que elas percam o interesse em realizá-las. Alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem podem aproveitar-se do brincar como recurso facilitador na aprendizagem de várias habilidades e na compreensão dos diferentes conteúdos pedagógicos,⁽²⁰⁾ mas para que ela se beneficie ao máximo, é necessário que a brincadeira responda aos interesses e habilidades da criança.

O brincar proporciona à criança a experimentação concreta do mundo em que vive, possibilitando o conhecimento e a aprendizagem sobre esse mundo, visto que pelo brincar a criança pode elaborar de forma subjetiva situações que ela vivência.⁽²¹⁾ Esta experimentação também pode se dar através do uso do faz de conta, principalmente em crianças de quatro a seis anos de idade. O “uso do faz de conta durante a atividade” ficou evidente apenas na brincadeira de O, que brincava sozinha, e utilizava objetos para brincar. Na etapa do desenvolvimento em que se encontram, a criança vai deixando de lado a fantasia e o brinquedo e se interessa por atividades mais reais e a atenção é direcionada à obtenção de independências acadêmicas e sociais.

É brincando que a criança se desenvolve e apreende sua cultura. O brincar também é aprendido, sendo um processo de interação e aprendizagem social.⁽²²⁾ Nos itens “brincar com os outros”, “brincar interativamente com os outros”, “ter iniciativa na brincadeira com as outras crianças” e “iniciar brincadeira com os outros”, os sujeitos da pesquisa apresentaram habilidade para isto, sendo que apenas o sujeito O demonstrou uma maior dificuldade para a interação com as outras crianças. Nesta idade, as crianças devem apresentar boa interação

social e já estabelecem/selecionam com mais critérios as suas amizades, havendo uma boa interação no seu ambiente social.

E importante observar que a escola pode ser um ambiente em que ocorrem situações de violências e, com elas, possíveis consequências para saúde mental infantil.⁽²³⁾ Sendo assim, essa dificuldade de interação das crianças também podem estar relacionadas ao preconceito sofrido por serem identificadas nesse meio como crianças que tem problemas na aprendizagem, gerando estresse e isolamento do grupo. Isso acaba se tornando um conjunto de engrenagens, onde cada situação vai movendo e agravando a outra. Cada vez mais isoladas e sem interesse pela atividade, a criança perde oportunidade de aprender pela brincadeira os conceitos pedagógicos nela envolvidos, aumentando suas dificuldades acadêmicas.

No item “envolvem-se em desafios, motor, cognitivo ou social, durante a atividade”, os sujeitos da pesquisa, excetuando o sujeito A, tiveram um desempenho abaixo do esperado para idade. Os sujeitos E, I e U envolviam-se em desafios durante grande parte do tempo na atividade, mas quando as atividades que exigiam maior esforço motor, por exemplo, saíam da brincadeira ou a realizavam com ritmo diminuído. O sujeito O ocasionalmente apresentou tal comportamento. Nessa fase do desenvolvimento a criança os enfrenta melhor; gostam de mostrar suas habilidades em experiências novas que exigem maior complexidade,⁽²⁴⁾ principalmente sociais e motoras. Para estas crianças o ambiente escolar já é um ambiente desafiador, principalmente no que tange às dificuldades na aprendizagem. Enfrentar um desafio em momento de recreação, seja ele motor, cognitivo ou social, aumenta ainda mais o receio na participação das atividades e de acumular mais uma dificuldade.

Esse resultado não concorda com os resultados do estudo de Scalha, Souza e Boffi Carvalho,⁽²⁵⁾ que mostrou que mesmo com dificuldades, as crianças aceitaram os desafios das atividades lúdicas e estas lhes proporcionaram às crianças concentração e lhes aumentou a autoconfiança. Por meio de um pequeno desafio, promoveu o desenvolvimento de habilidades físicas e mentais e, certamente, o aumento da capacidade de aprender. Esse estudo ainda mostrou que a brincadeira intervenção lúdica proporcionou à criança exercitar suas potencialidades e se desenvolver, e que os desafios, contidos nas brincadeiras, provocaram o pensamento e levaram a criança a alcançar melhores níveis de desempenho.⁽²⁵⁾

Podemos pensar que a diferença entre os estudos pode se dar pela forma como o momento lúdico é proposto e conduzido. Quando se mostra a vantagem das aprendizagens alcançadas por meio do brincar, principalmente o fato de que os enganos cometidos não são considerados erros, mas tentativas de acerto,⁽²⁵⁾ a criança pode encorajar-se para aceitar os

desafios e interagir durante o processo. Outro fato importante trazido pelo estudo é que quando a criança não tem medo de errar, ela se arrisca mais, mantendo o clima de alegria e descontração.⁽²⁵⁾ A descontração ainda pode contribuir no processo de interação social da atividade e de realizar brincadeiras, “fazer palhaçadas” durante o brincar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos da pesquisa apresentaram-se bastante homogêneos quanto ao nível de desenvolvimento apresentado. Isso pode estar relacionado à forma como a escola estudada faz a separação das classes dos alunos, que são divididos por apresentarem habilidade e desenvolvimento semelhantes. Pôde-se perceber que os mesmos apresentam algumas defasagens no desenvolvimento quando comparado ao que é apresentado na literatura. Quando é realizada comparação entre eles, observa-se que o sujeito O obteve resultados inferiores aos dos demais.

Pôde-se observar maior defasagem no desenvolvimento social e emocional das crianças durante o período de recreação, sugerindo que a neste contexto a dificuldade de aprendizagem tenha maior influência nesses aspectos do desenvolvimento infantil.

Considera-se que a forma como foi avaliado o brincar, por meio de um único instrumento e observações, pode não contemplar todas as facetas desta atividade no contexto escolar, carecendo de um estudo mais aprofundado, mas esta pesquisa indica algumas diferenças no brincar em crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, principalmente no envolvimento social e emocional que brincadeira exige, o que pode servir de respaldo para intervenções de profissionais da área de educação e/ou saúde no contexto escolar e que sejam capazes de avaliar e estimular o brincar da criança, que é de fundamental importância para o seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, emocional, social e um bom desempenho global nestas áreas.

O Terapeuta Ocupacional é um profissional indicado a intervir neste contexto e capacitado a avaliar e estimular as áreas de ocupação do indivíduo, promovendo o desenvolvimento global da criança.

REFERÊNCIAS

1. Bigsby R. Teorias originadas das perspectivas de desenvolvimento da criança. In: Neistadt ME, Crepeau EB, Willard & Spackman: terapia ocupacional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002. p. 504-10.
2. Motta MP, Marchiore LM, Pinto, JH. Confecção de brinquedo adaptado: uma proposta de intervenção da terapia ocupacional com crianças de baixa visão. *O Mundo da Saúde*. 2008; 32(2):139-45.
3. AOTA. Occupational therapy practice. Framework: domain & process. *Am J Occup Ther*. 2008;63(2):625-83.
4. Mello MAF, Mancini MC. Métodos e técnicas de avaliação nas áreas de desempenho ocupacional. In: Cavalcanti A, Galvão C. *Terapia ocupacional: fundamentação e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2007. p. 49.
5. Garcia VL, Pereira LD, Fukuda Y. Atenção seletiva: PSI em crianças com distúrbio de aprendizagem. *Rev. Bras. Otorrinolaringol* 2007;73(3):404-11.
6. Zorzi JL. Os distúrbios de aprendizagem e os distúrbios específicos de leitura e da escrita. *CEFAC*. 2004; 1-24.
7. Todos pela Educação. Anuário Brasileiro da Atenção Básica [Internet]. São Paulo: Moderna; 2013. [acesso em 04 de agosto de 2013]. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br>
8. Araújo APQC. Avaliação e manejo da criança com dificuldade escolar e distúrbio de atenção. *J pediatr*.2002;78(1):105.
9. Medeiros PC, Loureiro SR, Linhares MBM, Marturano EM. A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem. *Psicol Reflex Crit*. 2000; 13(3): 327-36.
10. Santos LC, Marturano EM. Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento. *Psicol Reflex Crit*. 1999;12(2):377-94.
11. Beauchamp J, Pagel SD, Nascimento AR. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, DF: Ministério da Educação; 2007.
12. Melo PDF, Melo AN, Maia EMC. Transtornos de linguagem oral em crianças pré-escolares com epilepsia: screening fonoaudiológico. *Pró-Fono Rev Atual Cient*. 2010;22(1): 55-60.
13. Hansen J, Macarini SM, Martins GDF, Wanderlind FH, Vieira ML. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Rev bras. crescimento desenvolv. hum*. 2007;17(2):135-38.
14. Rolim AAM, Guerra SSF, Tassigny MM. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Rev. Humanidades*. 2008;23(2):176-180.

15. Queiroz NLN, Maciel DA, Branco AU. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*. 2006;16(34):169-79.
16. Gomes R. Análise e Interpretação de Dados de Pesquisa Qualitativa. In: Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2008. p. 79.
17. Sampieri RH, Collado CF, Lucio PB. Seleção da amostra. In: Sampieri RH, Collado CF, Lucio PB. *Metodologia de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill; 2006. p. 248-283.
18. Bundy AC. Recreação e entretenimento: o que procurar. In: Parham LD, Fazio LS. *A recreação na terapia ocupacional pediátrica*. São Paulo: Editora Santos; 2002. p. 56-66.
19. Flick U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman; 2004. p. 188-207.
20. Alves L, Bianchin MA. O jogo como recurso de aprendizagem. *Psicopedagogia* 2010;27(83):282-7.
21. Balaguer AL. Considerações sobre o brincar e sua possibilidade terapêutica em um relato de caso de transtorno invasivo do desenvolvimento infantil. *Revista Baiana de Terapia Ocupacional*. 2007;3:17-21.
22. Araújo SC. Brincar é preciso: considerações sobre a atividade lúdica da criança deficiente visual. *Revista Baiana de Terapia Ocupacional*. 2005;3:17-21.
23. Bontempo KS, Ruzzi-Pereira A. Saúde mental de crianças e adolescentes vítimas de violência: uma revisão crítica da literatura. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*. 2012;23(2).
24. Hansen J, Macarini SM, Martins GDF, Wanderlind FH, Vieira ML. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Rev Bras crescimento desenvolv. hum*. 2007;17(2):133-143.
25. Scalha TB, Souza VG, Boffi T, Carvalho AC. A importância do brincar no desenvolvimento psicomotor: relato de experiência. *Revista de Psicologia da UNESP*. 2010; 9(2):79-92.